



Sessão Coordenada 18

Edilene Simões Costa dos Santos¹

Um estudo histórico do saber desenho segundo a legislação em Minas Gerais
- Eder Quintão Lisboa

O desenho como metodologia e recurso para ensinar no primário (1925 a 1932) - Débora Rodrigues Caputo, Maria Cristina Araújo de Oliveira

Saberes profissionais para o ensino de desenho: propostas internacionais por Manoel Frazão (1893) - Gabriel Luís da Conceição

A Sessão Coordenada 18 é constituída por três textos que abordam experiências de pesquisa com o saber “desenho”.

Eder Quintão Lisboa apresenta um trabalho realizado em nível de doutorado no qual elabora um estudo histórico do ensino do desenho nas escolas primárias e do ensino normal em Minas Gerais, segundo a legislação, no período de 1918 a 1932. Nesse artigo, o autor objetiva identificar como as concepções dos movimentos da Pedagogia Moderna e/ou da Escola Ativa se fizeram presentes em normatizações oficiais, fazendo uma breve caracterização das Vagas Pedagógicas com as quais irá trabalhar. Assim, discute pesquisas realizadas que retratam o contexto do ensino da geometria e do desenho no ensino primário no Brasil, analisando os seguintes documentos: *Decreto N. 4930 de 06 de fevereiro de 1918, MG* - Delfim Moreira da Costa Ribeiro e José Vieira Marques; *Decreto nº 6758 de 01 de janeiro de 1925* - Fernando Mello Vianna e Sandoval Soares Azevedo; *Decreto*

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

nº 9450 de 18 de fevereiro de 1930, MG - Francisco Luiz da Silva Campos; Decreto nº 10362 de 31 de maio de 1932 - Olegário Maciel Noraldino Lima e Carlos Pinheiro Chagas. Conclui que, mesmo sendo um trabalho preliminar, é possível apontar algumas inferências, tais como na legislação de 1925 em que o aluno aparece no centro do processo educativo, indicando, ainda, que os conteúdos deveriam ser trabalhados de forma intuitiva, considerando interesses e experiências do educando, o que nos faz presumir haver influência escalonovista na produção da prescrição.

Comparando os decretos de 1918 e 1925, o autor realça que há um distanciamento entre o desenho e a geometria, passando cada um deles a ter objetivos diferentes, fato que foi observado, segundo ele, também por outros autores mais recentes.

O trabalho é muito fecundo e tem muito a contribuir com a história da educação matemática de Minas Gerais e do Brasil, se, a partir dele, for estimulada uma reflexão com mais detalhe sobre as características específicas e conceptualizações de cada Vaga Pedagógica tratada no texto e sobre as relações particulares que o autor filia às respectivas legislações estudadas, investigando-se com mais pertinência como as concepções dos movimentos da Pedagogia Moderna e ou da Escola Ativa se fizeram presentes em tais normatizações oficiais.

O texto de Débora Rodrigues Caputo e Maria Cristina Araújo de Oliveira foi tecido, a partir dos resultados da pesquisa de mestrado, com o propósito de compreender e analisar historicamente o saber desenho no ensino primário entre o período de 1925 a 1932, utilizando, como fonte da pesquisa, o impresso pedagógico Revista do Ensino de Minas Gerais. Em que medida as propostas para o ensino de desenho, veiculadas na Revista do Ensino de Minas Gerais entre 1925 e 1932, orientaram-se numa perspectiva *elementar* ou *rudimentar*? Quais *profissionalidades* podem ser identificadas? Tais são os questionamentos balizadores do texto. Por meio de alguns artigos da Revista são apresentados elementos que permitem a análise na direção das questões. As perspectivas de análise adotadas nesse texto têm especial relevância com relação ao estudo e análise da questão do *elementar* e *rudimentar*, mas também levam em consideração a *profissionalidade* e, ainda, o uso do desenho como metodologia e como recurso. Ao tratarem da *profissionalidade*, as autoras concluem que o desenho era usado como uma metodologia e como um recurso, e ambos remetem às práticas pedagógicas do professor, que relaciona os componentes envolvidos na sua ação didática – *os saberes a ensinar* e *os saberes para ensinar* –, visando o processo de ensino e aprendizagem. Assim, essas perspectivas de uso didático do desenho são compreendidas como *profissionalidades*.

Segundo as autoras o ensino de desenho que atendia à formação de trabalhadores, com o passar dos anos, deixa de ser enfatizado nos artigos da Revista. O desenho era abordado como um saber útil na vida cotidiana, sendo tratado pelos artigos com um caráter utilitário, mas, a partir de 1926, o desenho passa a ser visto, também, como forma de expressão. Dessa forma, como observam as autoras, a partir dessa data, os artigos editados na Revista se alternam quanto à perspectiva *rudimentar*, ora tratando da expressão, ora do caráter utilitário. Concluem as autoras que a quantidade expressiva de artigos sobre o saber desenho no ano de 1929, ao que tudo indica, decorreu da intenção de difundir as

prescrições da reforma de 1927, marcada pelo escolanovismo.

Assim, a partir dos olhares problematizados dessas autoras sobre o saber desenho nessas Revistas, é possível ampliarmos o conhecimento sobre a memória social de Minas Gerais no período determinado no estudo.

O texto de Gabriel Luís da Conceição procura caracterizar os saberes profissionais para o ensino de Desenho colocados em circulação no Brasil pelo professor Manoel José Pereira Frazão em seu registro oficial de viagem em missão pedagógica à Europa no final do século XIX. No sentido de responder tal questionamento, o autor elege duas categorias de saberes que se articulam na profissionalização de professores e que integram o saber profissional: *os saberes para ensinar* e *os saberes a ensinar*. O artigo busca, então, apresentar a participação de Frazão na dinâmica de elaboração do saber desenho a ensinar e para ensinar presentes na formação de professores primários de um determinado tempo.

A segunda parte do artigo aborda o movimento internacional de ações pedagógicas e o museu *Pedagogium* que recrutava professores para missões pedagógicas. Um dos escolhidos para uma viagem pedagógica à Europa foi o Prof. Frazão, apresentado pelo autor como um homem ativo nos debates educacionais de seu tempo, pois era um professor primário que publicava intensamente na imprensa pedagógica, tanto obras didáticas para a escola primária como de formação de professores, além de lutar politicamente pelas causas da instrução pública.

Além da missão pedagógica de Frazão, o autor aborda, também o seu papel na circulação de propostas para o ensino de Desenho, obtidas dos diversos métodos que ele observou nos países que visitou. Assim, o texto ora proposto traz encaminhamentos que se referem às relações entre a formação de professores e a prática docente, por meio das apropriações que Frazão fez circular no Brasil.

O autor conclui que o professor Manoel José Pereira Frazão, *expert* em Educação de seu tempo, colocou em circulação, por meio de seu relatório, o que se espera do professor para o ensino de desenho no final do século XIX: um saber profissional em sintonia direta com as propostas do método intuitivo, evidenciado pelo desenho “*d’après nature*” e em caráter *elementar*.

Por fim, ao considerar o conjunto de trabalhos desta Sessão, tem-se uma amostra de algumas das questões que têm interessado aos historiadores da educação matemática, especificamente algumas questões pertinentes a uma pesquisa de âmbito nacional proposta pelo Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática (GHEMAT - Brasil), coordenado pelo professor Wagner Valente, cujo intuito é fazer progredir o debate em torno de conceitos e categorias como os saberes profissionais (articulação entre os saberes a ensinar e saberes para ensinar) profissionalidade, *expert* e *expertise* na constituição histórica da formação do professor.